

Destaque no Festival de Curitiba, espetáculo mineiro 'Doce Árido' leva ao palco a fragilidade das relações familiares no interior

Abismos geracionais

Marcela Calixto/Divulgação



O espetáculo revela tensões familiares sobre três gerações de mulheres no meio rural

Quando uma encomenda inesperada, vinda do exterior, surge como a chance de transformar a vida, três mulheres mergulham em uma rotina exaustiva de trabalho. Mas o maior obstáculo não é o tempo — é o silêncio que guardaram por gerações. “Doce Árido”, que estreia esta semana no Teatro Ipanema Rubens Corrêa, traz essa tensão para o palco através de Pri Helena, Rebeca Figueiredo e Layla Paganini, que vivem mãe, filha e avó responsáveis pela produção artesanal de doce de leite em uma pequena roça do interior de Minas Gerais.

Com texto e direção de Tairone Vale, o espetáculo acompanha Maria Antônia (Pri Helena), que exige dedicação total à encomenda; Maria Lúcia (Rebeca Figueiredo), dividida entre o tacho de doce e os cuidados com a recém-nascida Maria Clara; e Maria Quitéria (Layla Paganini),

a matriarca que observa tudo pelas frestas e sabe que a fragilidade dessas relações pode colocar tudo a perder. Entre as consequências de um parto complicado e a escassez que ronda a casa, mãe, filha e avó se equilibram entre o peso da tradição e o desejo de liberdade.

A montagem trabalha com uma plataforma móvel que espelha a instabilidade das relações familiares: à medida que a trama avança, o cenário tomba com o deslocamento das atrizes. A trilha sonora original,

composta por Laura Jannuzzi, evoca imagens e sensações que sublinham a aridez do ambiente. O trabalho foi apresentado pela primeira vez em 2025, em Juiz de Fora, e este ano integrou a programação do Festival de Curitiba.

Vale resgatou memórias da infância e os afetos construídos pelas matriarcas de sua família para criar essa história de ficção. “Um dos motivadores para esse trabalho foi pensar no que aconteceria se uma mulher tivesse depressão

pós-parto em um cenário isolado, rural, sem estrutura e recursos”, explica o diretor.

A dramaturgia alinha-se a estatísticas oficiais alarmantes: segundo o Censo 2022 do IBGE, 49,1% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, que dedicam quase dez horas semanais a mais que os homens ao trabalho doméstico e de cuidado. Cerca de três em cada dez brasileiras já sofreram violência doméstica, com altos índices de estupro e feminicídio — realidade ainda

mais grave entre mulheres rurais, que enfrentam menor acesso a serviços de saúde e proteção, mobilidade restrita e isolamento.

SERVIÇO

DOCE ÁRIDO

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)

De 16/7 a 9/8, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

N A R I B A L T A

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Elites em decadência

Escrita nos anos 1950, “A Moratória”, texto do paulista Jorge Andrade (1922-1984) encerra neste domingo (19) sua terceira temporada no Teatro Dulcina. A peça retrata o colapso de uma família tradicional diante da perda de status social e da incapacidade de adaptação a um mundo em transformação. Ao abordar a decadência das elites agrárias após a crise do café de 1929, a montagem com direção de Daniel Herz expõe tensões econômicas, afetivas e morais que ainda se fazem sentir na sociedade brasileira quase um século depois.

Renato Mangolin/Divulgação



Vidas reduzidas a processos

Ao dar voz às mulheres encarceradas e às profissionais que as acompanham, a Cia Amok expõe em “Incondicionais” as fissuras de um sistema que reduz vidas a processos, ao mesmo tempo em que evidencia a potência transformadora da escuta. Entre atendimentos e momentos de convivência, as internas do texto de Ana Teixeira e Stephane Brodt constroem redes frágeis de solidariedade, humor e resistência, enquanto revelam a complexa engrenagem que organiza a vida prisional. Até domingo (19) no Sesc Copacabana.

Carlos Costa/Chapeuzinho Amarelo



Jornada de superação

Adaptada da obra homônima de Chico Buarque, “Chapeuzinho Amarelo” encerra temporada neste domingo (19) na EcoVilla Ri Happy. A peça conta a saga de uma menina que vive dominada pelo medo. Incapaz de se divertir, brincar, dormir ou comer, ela teme tudo. Seu maior receio é encontrar o temido Lobo, que dizem ser capaz de devorar “duas avós, um caçador, um rei, uma princesa, sete panelas de arroz e um chapéu de sobremesa.” O espetáculo, revela a jornada da protagonista em direção à superação de seus temores.